

Mulheres e Meninas
na Ciência

Organização:	Erondina Azevedo de Lima Lívia cristina Lira de Sá Barreto Olgamir Amancia Ferreira
Diagramação:	Emanuele Timbó

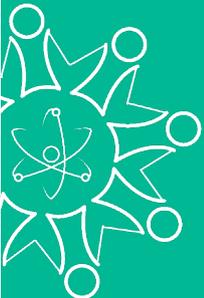
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

<p>Mulheres e meninas na ciência [livro eletrônico] / organização Erondina Azevedo de Lima, Lívia Cristina Lira de Sá Barreto, Olgamir Amancia Ferreira. -- Brasília, DF : LaSUS FAU, 2024. PDF</p> <p>Vários autores. Bibliografia. ISBN 978-65-84854-36-9</p> <p>1. Mulheres na ciência I. Lima, Erondina Azevedo de. II. Barreto, Lívia Cristina Lira de Sá. III. Ferreira, Olgamir Amancia.</p> <p>24-195092 CDD-500</p>

Índices para catálogo sistemático:

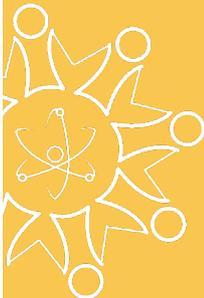
1. Mulheres na ciência : História 500

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



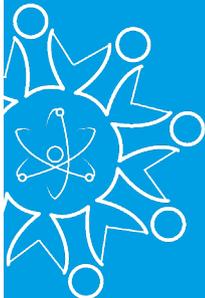
11

Pobreza/Dignidade menstrual, meio ambiente e ciência: enredando o Caleidoscópio em escolas do DF



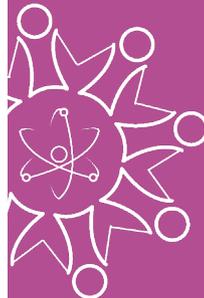
21

Disseminação da ciência por meninas e mulheres por meio de palestras e gravação de podcasts em escola pública da região administrativa do DF



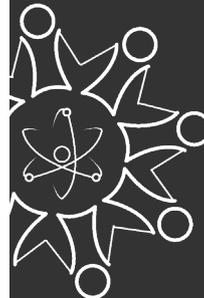
32

Farmácia Verde na Escola



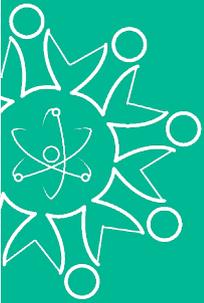
40

Linguistas e mediadoras comunitárias em contexto educacional: integração Warao na escola Café sem Troco (Paranoá)



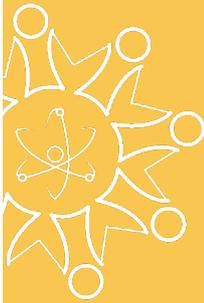
51

Meninas.comp: o futuro é agora!



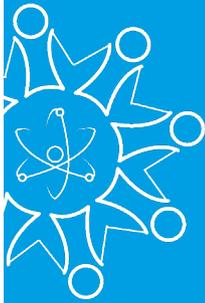
63

PES - Protagonistas
na Engenharia de
Software



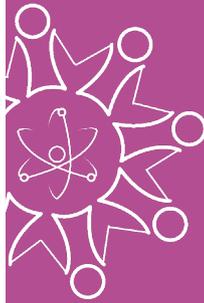
69

Meninas na Ciência
UnB



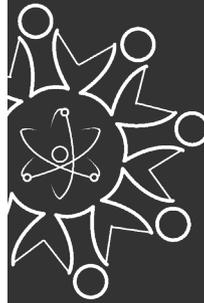
75

Meu Corpo
eu Cuido: A
EDUCAÇÃO SEXUAL
TRANSFORMA
MULHERES



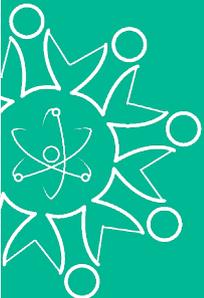
81

Mulheres na
sismologia



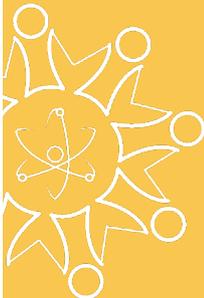
89

Meninas cientistas:
A fotografia
experimental
como ferramenta
pedagógica para o
ensino de química,
física e botânica na
escola



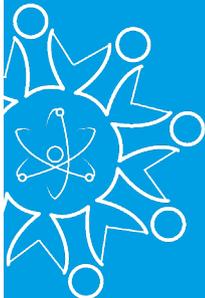
97

Meninas e Mulheres
no Instituto de
Ciências Exatas (IE):
Ciência e Tecnologia
em Prol da Redução
das Desigualdades
de Gênero no Distrito
Federal e Entorno
(M²ICE)



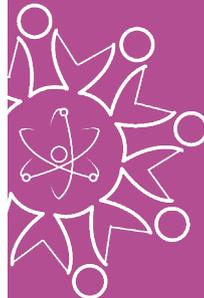
103

Mulheres Cientistas:
desafios para o
futuro



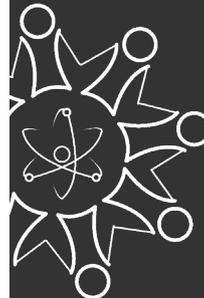
112

Educação em Saúde
Menstrual: tradução
do conhecimento
para a promoção da
saúde



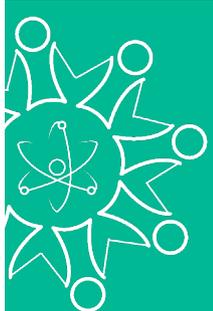
119

Discursos de ódio
em ambiente escolar



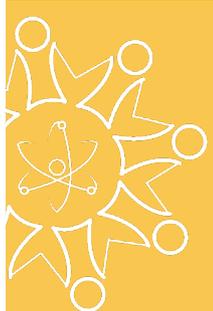
126

Meninas Velozes



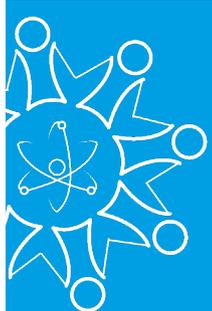
134

Eureka: Meninas na Física!



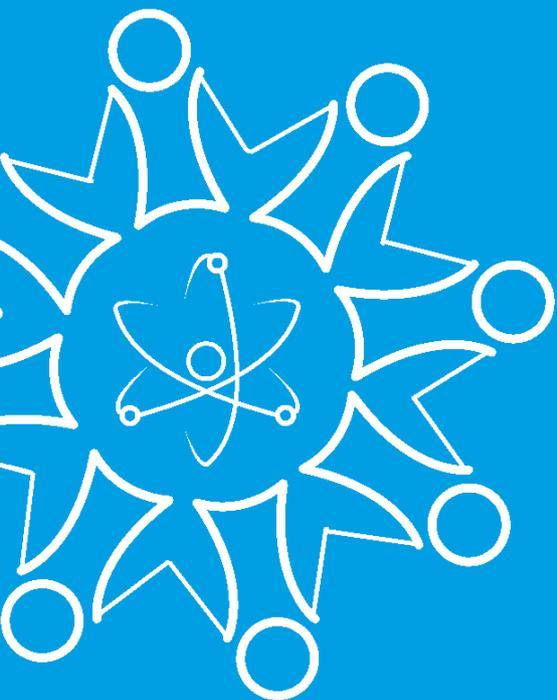
141

A Ciência do Autocuidado Feminino



147

Mulheres e identidades:
Construindo saberes



MEU CORPO EU CUIDO: A EDUCAÇÃO SEXUAL TRANSFORMA MULHERES



Meu corpo *eu cuido*

PARTICIPANTES

Fernanda Paulini
Ana Cecilia Mendes de Carvalho
Andressa Pietra Rodrigues de Souza
Esther Sales Guerra
Camila de Andrade Paula Firmino
Giulia Machado Cury Faria
Jessyca Karoline de Oliveira Silva
Livia da Cunha Mendonça
Luana Oliveira Lago
Mariana Soares de Oliveira Guimarães

OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Criar um lugar na educação básica capaz de estabelecer espaços femininos de apoio e acolhimento, trazendo reflexões sobre questões de gênero, padrões de beleza, autoestima e valorização da sororidade, voltados para pessoas que se identificam como mulheres; realizar intervenções quinzenais, sob forma de oficinas (duas oficinas por mês), de agosto a dezembro (em julho elas serão organizadas); estimular importância do cuidado feminino em todas as suas vertentes e conversas sobre a influência das masculinidades, formando pessoas preocupadas com as necessidades de uma sociedade ética, justa, democrática, diversa e sustentável.

PROBLEMÁTICA/JUSTIFICATIVA

O atual enfoque das escolas está voltado ao ensinamento de conteúdos cobrados em vestibulares, sendo muitas vezes esquecida a necessidade de transmissão para esses adolescentes dos conhecimentos fundamentais para a melhoria de sua saúde no presente e no futuro. Pela falta desta instrução na adolescência, casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis estão cada vez mais recorrentes em jovens e adultos. Para uma maior conscientização dos jovens em relação à atividade sexual e seus riscos, foi pensado nesse projeto como uma forma de esclarecimento dos órgãos sexuais, as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e também sobre formas de prevenção, tanto de ISTs quanto de gravidez indesejada. Além disso, a carência de entendimento acerca do próprio corpo e da sexualidade das mulheres pode ser atribuída à história de repressão da sexualidade feminina (OLIVEIRA; REZENDE; GONÇALVES, 2018; MACIEL, 2019). Portanto, é possível afirmar que um espaço educacional dedicado exclusivamente às mulheres, que aborde questões pertinentes à vivência feminina, pode promover uma aprendizagem mais efetiva, autonomia em relação ao próprio corpo e maior habilidade em lidar com situações adversas, como objetificação, abuso e assédio sexual. As oficinas serão ministradas por alunas de graduação treinadas pela professora proponente, o que contribuirá ativamente no processo de ensino-aprendizagem e no contato com atividades de ensino, vinculada à extensão universitária. Dessa forma, isso será uma maneira de levar à sociedade um retorno que os discentes recebem durante sua vivência universitária.

BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema educação sexual é considerado por muitos tabu e mito (Gonçalves et. al.,2013), sendo somente pensado como algo negativo, prejudicial, que ao longo da história ocidental foi sempre reprimido e punido aquele que deste assunto tratasse (Dewes & Lima, 2013). Porém, a educação sexual deve trazer para as pessoas os benefícios que o sexo traz, como o prazer, o autoconhecimento e o respeito (Brêtas & Silva,2005) e a diferença dentro das relações de gênero tem sido muito ressaltada no âmbito da sexualidade, uma vez que as mulheres são reprimidas por vivenciá-la, enquanto os homens são incentivados a explorá-la (BRILHANTE; CATRIB, 2011). Segundo Maciel (2014), a família também influencia nos mitos ligados ao sexo por meio de histórias para a explicação de sexo e da gravidez, como bebês sendo trazidos por cegonhas e sementes que são plantadas na barriga da mãe. Maciel (2014) também comenta sobre o medo da escola de tratar desses assuntos, muitas vezes inseguros por poder causar brigas e polêmicas com os pais de alunos por divergência de opiniões. Por causa desse receio das escolas não são transmitidas para os alunos instruções sobre o uso de preservativos (Anderson, et.al., 1990), além de altas taxas de atividade sexual com diferentes parceiros, tornando os adolescente e jovens adultos um grupo de risco crescente para infecções sexualmente transmissíveis (IST) (Kann, et.al., 1997; Ku, et.al., 1998). Segundo a Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS), os jovens que demonstram maior atividade sexual, iniciação à vida sexual mais precoce e menor percentual de uso de preservativo são aqueles mais carentes e de baixo nível de instrução (BEMFAM, 1997a). Além dos fatores já citados anteriormente a automedicação ou medicação por pessoas não-qualificadas, a maior liberdade para a prática da atividade sexual em decorrência do uso de métodos anticoncepcionais, a dificuldade na investigação de parceiros sexuais e o menor temor do público por essas doenças têm contribuído para a dispersão das ISTs (Façanha, et.al., 2004) Portanto, uma das principais formas de impedir a disseminação dessas infecções é a conscientização da população, que pode ser feito por meio de palestras e oficinas nas quais podem ser tratadas estratégias de prevenção, envolvendo a promoção do uso de preservativos e outras formas de prevenção de ISTs. Além disso, a repressão sexual pode levar a uma falta de autoconhecimento das mulheres a respeito do próprio corpo, suas potencialidades e prazeres relacionados à vivência da sexualidade, sendo estas problemáticas que influenciam diretamente na autonomia das mulheres sobre o próprio corpo, no sentido do autocuidado, proteção contra ISTs, gravidez não planejada e falta de prazer nas relações. Segundo

Maciel (2019), a educação sexual existente nas escolas hoje não proporciona conhecimentos sobre o corpo feminino e formas de proporcionar prazer às mulheres dentro das relações. Dessa forma, podemos afirmar que um ambiente educacional especialmente destinado às mulheres, focado em questões relevantes para a experiência feminina, tem o potencial de fomentar uma aprendizagem mais impactante, autonomia em relação ao corpo e maior capacidade de lidar com situações adversas, tais como a objetificação, abuso e assédio sexual.

METODOLOGIA

O presente projeto de extensão terá frequência quinzenal, em que a professora e as alunas graduação irão às escolas, apresentar oficinas de temas relacionados a autonomia feminina para alunas de escola pública do DF.

RESULTADOS OU RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se com a presente proposta de extensão, criar uma proposta contínua e semestral que seja referência no Distrito Federal para a sensibilização de mulheres para a educação sexual, num espaço de acolhimento. Esse tipo de espaço pode contribuir para a redução das inúmeras violências sofridas pelas mulheres ao longo da vida. As meninas participantes das oficinas também servirão como replicadoras do conhecimento aprendido durante o projeto, atuando como motivadoras indiretas com seus colegas de seus ciclos diários. Espera-se, também, dentro do ambiente de extensão universitário, permitir um maior diálogo com o público leigo, cumprindo assim os requisitos básicos de qualquer IES no diálogo aberto com o público para disseminação de conhecimento. Adicionalmente, espera-se capacitar alunas de graduação de diversos cursos para desenvolvimento de atividades de extensão, ressaltando a importância de projetos desta modalidade, formando assim profissionais aptos a replicar propostas de extensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, J. E.; KANN, L.; HOLTZMAN, D.; ARDAY, S.; TRUMAN, B. & KOLBE, L., 1990. HIV/AIDS knowledge and sexual behavior among high school students. *Family Planning Perspectives*,

22:252-255. BEMFAM (Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil), Brasil: Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde 1996. Rio de Janeiro: BEMFAM. 1997a. BRÊTAS, J. R. S.; SILVA, C. V. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 1-8, 2005. DEWES, S. M.; LIMA, B. G. T. SEXUALIDADE: discussão de valores, mitos e preconceitos para a formação de alunos. In: OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE: Produções Didático-Pedagógicas. Paraná, v. 1, 2013. FAÇANHA, M.C.; MENEZES, B.L.F.; FONTENELE, A.D.B.; MELO, M.A.; PINHEIRO, A.S.; CARVALHO, C.S.; PORTO, I.A.; PEREIRA, L.O.C. Conhecimento sobre Reprodução e Sexo Seguro de Adolescentes de uma Escola de Ensino Médio e Fundamental de Fortaleza - Ceará. DST - J bras Doenças Sex Transm 16(2):5-9, 2004. GONÇALVES, R.C.; FALEIRO, J.H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. Holos, v.5, p.251-253, 2013. KANN, L.; KINCHEN, S. A.; WILLIAMS, B. I.; ROSS, J. G.; LOWRY, R.; HILL, C. V.; GRUNBAUM, J. A.; BLUMSON, P. S.; COLLINS, J. L. & KOLBE, L. J., Youth risk behavior surveillance - United States, 1997. Journal of School Health, 68:355-369. 1998. KU, L.; SONENSTEIN, F. L.; LINDBERG, L. D.; BRADNER, C. H.; BOGGESS, S. & PLECK, J. H., Understanding changes in sexual activity among young metropolitan men: 1979-1995. Family Planning Perspectives, 30:256-262. 1998. MACIEL, B. I. Construção do Ser Mulher: Impactos do Cristianismo Batista nos Processos de Constituição da Sexualidade Feminina no Brasil. 2019. Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Bahia, 2019.

ISBN: 978-65-84854-36-9

CD



9 786584 854369



Universidade de Brasília



Mulheres e Meninas
na Ciência

Programa Estratégico de Extensão “Mulheres e Meninas na Ciência”,
fomentados pelo Edital Programa Estratégico DEX/DPI/SDH nº 05/2023 –
Mulheres e Meninas na Ciência – o futuro é agora.